DJUMBAI POÉTICO COM FIRKIDJA DI NO KAMPADA

AnÉximandra da Silva [1], Lucas Jaima Indi [2], Justino Gomes [3], Antônio Vieira da Silva Filho [4]

RESUMO

A poesia faz parte da humanidade e, desse modo, é expressão e manifestação da interioridade e da cultura humana. Ela tece emoções: alegria, esperança, aspirações..., mas também ela carrega angústias, incertezas e desabafos. É tão integradora que traz consigo a idiossincrasia do mundo dos poetas, o mundo ancorado de culturas, das experiências práticas, das produções de um povo numa integração da cosmovisão e mitos fundadores da nação. A poesia também é a resistência, a luta, a conquista, o amor, a união e a coletividade. Imaginar e construir as identidades estruturantes das ações humanas enfileira-se bem no exercício poético. Trazer a representação da beleza em forma poética ao povo e ao ambiente, com atributos culturais representados nos conteúdos poéticos, na eloquência de poetizar e no manejo corporal é uma das ofertas valiosas que o Djumbai Poético nos traz. A ligação da vida com as culturas, crenças, costumes, tradições que o grupo literário-cultural Firkidja Di No Kampada, vem fazendo desde a sua criação. O grupo, até hoje, participa de diferentes eventos culturais nas dependências da UNILAB e em outros locais, no Maciço do Baturité e em Fortaleza. O grupo propõe promover na VIª Semana Universitária da UNILAB uma roda de conversa permeada com declamações e recitações de poesias de jovens poetas e poetisas e dos demais interessados que far-se-ão presentes no evento. O evento aprumar-se-á ao único ancoradoiro – promover a cultura literária por meio da divulgação das produções literárias de diferentes nacionalidades que compõem a UNILAB.

Palavras-chave:

Literatura. Cultura. Poesia.

[1] UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, e-mail: aneximandradasilva8@gmail.com
[2] UNILAB, Humanidades, departamento de licenciatura em Sociologia, Discente, e-mail: equimeiun@gmail.com
[3] UNILAB, Humanidades, departamento de licenciatura em Sociologia, Discente, e-mail: justinogomes6@gmail.com
[4] UNILAB, Instituto de Humanidades, Docente, e-mail: antoniovieira@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

O grupo Firkidja Di No Kampada foi criado, em setembro de 2017, no Brasil, pelos estudantes guineenses de diferentes cursos da UNILAB. Desde os primórdios do grupo, a seiva que alimenta a sua existência é a promoção da cultura e literatura guineense. Mas aberto que seja essa seiva, as culturas e literaturas dos povos integrantes da UNILAB respiram, à vontade, na essência do grupo, sem gemidos. Isto é, as culturas e literaturas de CPLP alimentam o espírito poético de jovens que alicerçam o grupo. Assim, o macrosistema cultural-literário, engendrado pelo grupo, está além da Guiné-Bissau, país de origem dos seus membros. A (ré) criação literária é uma paixão que explodiu entre estudantes, no meio da trilha acadêmica, de modo que não se sabe explicar a sua causa. Uma vez incorporado o prazer literário nos corações desses jovens, a continuidade daquilo que, no passado recente, despertou povos ao engajamento grandioso e vitorioso, pode encontrar a sua força vitalícia. O compromisso de assumir o que as gerações anteriores fizeram na construção das identidades nacionais e na consolidação das nações dentro das realidades concretas ou socioculturais e que deu origem às nossas nações modernas, passa entre várias formas, hoje, pela oralidade conjugada com a escrita, ou seja, a revivência das experiências, das estórias, e das práticas culturais. Nisto, entra os (ré) encontros culturais e poéticos que podem ganhar diferentes nomenclaturas que buscam significar e interpretar um ato artístico ou literário, dependendo da opção e do lugar, podendo ser: sarau, Djumbai poético, Djumbai com a poesia, mar literário, café com poesia, café com literatura, café cultural etc. O nosso Djumbai Poético, na semana universitário, será um espaço de partilha, promoção e incentivo à (ré)criação literária, partindo da recitação ou declamação das poesias escritas pelos poetas da Firkidja e também pelos poetas de outras nacionalidades. O espaço não será reservado apenas aos membros da Firkidja, porém, os participantes poderão recitar qualquer poema que quiserem, seja da autoria própria ou de outros autores.

METODOLOGIA

A abertura do evento conta com a mensagem da coordenadora do grupo Firkidja Di No Kampada, a poetisa Anéximandra da Silva, apresentando as considerações iniciais, incluindo o objetivo do evento e a dinâmica de apresentação. E por se tratar de uma atividade cultural baseada na oralidade ou recitação de poesias, o grupo levará ao evento poemas impressos em papeis e livros dos poetas africanos e brasileiros. Esses materiais estarão disponíveis na sala do evento para, caso os participantes queiram, o material pode servir de suporte para a declamação de poemas. A recitação será individual, isto é, um(a) de cada vez. E seguirá a ordem da esquerda para direita. Cada um(a) declamará um poema ou uma poesia de cada vez. Quando completar o círculo, começa de novo de quem havia iniciado. Assim caminhará até o fim do tempo disponibilizado para o evento. A escolha dos poemas a declamar estará ao encargo de quem vai declamar. Cada declamador terá a plena liberdade de escolher o seu poema ou de outro poeta para apresentar. No entanto, serão admitidos apenas poemas escritos em língua portuguesa ou guineense. Também haverá possibilidade de negociar a dinâmica com os participantes, caso estes pretenderem outra dinâmica diferente daquela proposta pela coordenadora. Não haverá restrições a ninguém. para à poesia, entretanto, as narrativas literárias curtas também terão espaço: conto, fábula, lenda, crônica etc., poderão ser apresentadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cultura literária, principalmente a dos países africanos de língua portuguesa, existe e existia desde um período longínquo antes da chegada dos aventureiros portugueses nessas paradas. As diferentes formas de manifestação cultural, que incluem as oraturas, contação de estórias, provérbios, ditos, fábulas etc., não são de hoje. Porém, essas formas de expressão cultural foram subjugadas pelos ventos fortes da opressão colonial. Tão violento e ignorante foi o sistema colonial que o poeta, contista e romancista angolano Manuel Rui Alves Monteiro, conhecido na literatura por Rui Manuel exterioriza seus lamentos ao patrimônio cultural que o colonizador poderia aproveitar, mas infelizmente, preferiu menosprezar e subir por cima de tudo aquilo que encontrava para depois ficar cego. “Quando chegaste, mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. [...] É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não! Preferiste disparar os canhões” (MANUEL,

1987, apud CHAVES, 2005, p. 248). Além da existência das manifestações literárias evidenciada nesta breve citação, o desastre causado pelo colonialismo aparece através da desarmonia que o espaço viveu. Nem águas, nem o som, nem as estórias estão agora em harmonia com as vidas humanas. Canhões ceifaram tudo. Canhões existem além de físicos ou materiais, porque as simbólicas que alteraram as cosmovisões, as tradições, as crenças estão presentes. Além do Rui Manuel, o poeta e romancista angolano Pepetela, dramatizou na sua peça teatral, publicada no seu livro intitulado A Revolta da Casa dos Ídolos, 1970, o desencontro das cosmovisões africanas e europeias. Desta vez servindo-se do fogo para exemplificar as desarmonias causadas nas sociedades africanas. Se na África o fogo foi inventado para malhar o fero e transformá-lo em instrumento de trabalho, o Ocidente foi além desse objetivo, quando encontrou a forma de matar nesse fogo. Assim, criou-se um inferno que queimou vidas e experiências práticas culturais dos povos que não matam com o fogo. "O fogo cria vida. A zagaia nasce pela ação do fogo e do fogo que eu crio batendo no ferro. O espírito do fogo é um espírito bom, que cria a vida. [...] Só umas cabeças loucas podiam inventar essa tortura de matar pelo fogo. [...] (PEPETELA, 1970, apud CHAVES, 2005, p. 248). Essas cabeças loucas seriam as que, na observação de Rui Manuel, preferiram disparar os canhões contra os mais velhos e as suas estórias existentes. Para Odete Semedo e Margarida Calafate Ribeiro (2011), a literatura editorial e a literatura não editorial são duas coisas diferentes. Concentradas na análise da origem do teatro africano perceberam que todos os elementos que o teatro ocidental consagra como essências se encontravam em várias manifestações culturais africanas, porém, apenas o corpo fónico, o nome, que os diferenciavam. Porque o trágico e o cômico, capazes de arrancar a catarse ao público, estão presentes nessas manifestações africanas. Para Moema Parente Augel (2007), a literatura assume a missão de representação e reconstrução das identidades por meio da busca que poetas e os escritores em geral fazem das raízes engendradoras das identidades. Fixando a sua lente no caso da Guiné-Bissau, Augel conclui que enquanto o país suspende-se na ausência de uma histografia, a literatura faz do seu jeito o esforço de narrar a nação. Para a teórica literária Moçambicana Ana Mafalda Leite (2003), as literaturas africanas são diversas ainda que apresentem temáticas semelhantes, porque as diversidades históricas e socioculturais, além das diversidades linguísticas marcam peculiaridades de cada uma dessas literaturas. Para o português Joaquim Eduardo Bessa Leite (2014), na sua tese de Doutorado, todas as literaturas africanas de língua portuguesa assumiram, na segunda metade do século XX, uma postura de combate. Essa observação foi constatada quase em todos os estudiosos dessas literaturas, incluído o brasileiro Manuel Ferreira (1978) que tentou demonstrar as fases das literaturas africanas da língua portuguesa. Com um olhar sobre as produções literárias de Angola e Moçambique, Sueli da Silva Saraiva (2012, p. 17), nos chega a informação de que "As literaturas de Angola e Moçambique ascenderam ao estatuto de literatura autônoma na condição de símbolo de resistência artística e intelectual ao regime colonialista europeu, revigorado nesses países a partir do final do século XIX". Ainda as lupas da Saraiva nos levam a enxergar "o espírito que modelou tais literaturas ao longo de árduo caminho da independência política começou a ganhar força nas primeiras décadas do século XX, precedendo o início das lutas armadas nos anos de 1960" (SARAIVA, 2012, p. 17). Já com independências políticas aceites pelo colonizador em 1975, os escritores desses dois países, ela considera "testemunhas de um tempo de profundas mudanças político-sociais, permaneceram atentos aos desdobramentos do pós-independência, entre eles os longos enfrentamentos bélicos (Angola: 1975 – 2002; Moçambique: 1975 – 1992), as esperanças e os projetos de reconstrução nacional" (SARAIVA, 2012, p. 17 Carmen Lucia Tindó Secco (2002), partiu da literatura editorial para buscar a existência das literaturas africanas de língua portuguesa. O que é admissível uma vez que para Hildo Honório Couto e Filomena Embalo, (2010), o exercício literário pressupõe a impressão dos textos. Portanto, a instalação das tipografias e imprensas nas colônias que permitiu a impressão dos textos e a colaboração literária dos nativos africanos é o ponto principal para analisar a origem dessas literaturas. Lembrando que Couto e Embalo falam no caso específico da Guiné-Bissau. Portanto, o Djumbai Poético que o grupo Firkidja Di no Kampada está a propor nesta VIª Semana Universitária da UNILAB não é nada mais que um navegar nessas águas tão sadias das Literaturas de CPLP em geral e africanas em particular; literaturas cujas produções são encantadoras ao espírito e emocionantes na alma. As ironias e as reinvenções das palavras, tecidas nas línguas africanas e aglutinadas com a língua portuguesa, só sabem desprender o prazer de as praticar a cada amanhecer do dia.

CONCLUSÕES

O que se espera desse Djumbai Poético é um reforço dos laços de irmandade que ancoram os povos africanos e o povo brasileiro. Uma vivência daquilo que aproximou e distanciou essas nações separadas pelo empurrão e o romper das águas do Atlântico. Acreditamos que será um espaço de despertar interesse pela literatura. Se acreditarmos que o exercício literário não é, muitas vezes, incentivado no ensino secundário brasileiro e nos países africanos presentes na UNILAB, não devemos deixar de aceitar que muitos estudantes ficam surpresos e dão-se bem nas práticas literárias quando são despertados para esse outro eu que está invisível no ontológico deles. Por isso, o evento que aqui está sendo proposto tem esse carácter de levar o sabor literário junto aos estudantes que, se calhar, não o experimentaram ainda. Além da (ré)ligação de jovens aos seus mosaicos literários, culturais e linguísticos, espera-se que o incentivo à reflexão, criatividade e produção literárias ficará nas vidas dos que vão participar o Djumbai Poético. Lembrando que o grupo Firkidja Di No Kampada já conta com uma coletânea poética que foi apresentada na Bienal fora do Bienal, aqui na UNILAB. Pois, a promoção dos espaços como esse que está sendo proposto contribuiu bastante na instigação à reflexão e produção que resultou na antologia de Firkidja, intitulada Nos porões das palavras: primeiro tcholona di tambur. Por isso, quem sabe que o Djumbai Poético com Firkidja di No Kampada será mais uma alavanca às outras coletâneas futuramente, na medida em que desperta o prazer literário aos jovens.

AGRADECIMENTOS

Aqui praz ao grupo agradecer profundamente a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro (UNILAB) pelo estender de braço que aceitou para revitalizar as esperanças do(a)s jovens que o sistema quase amortecia lentamente sem Formação Superior. Com a mesma cabaz de gratidão entregamos os nossos obrigados aos professores: prof. Dr. Antônio Vieira da Silva Filho, Prof. Dr. Bas´Ilele Malomalo, prof. Dr. Ricardino Jacinto Dumas Teixeira, profa. Dra. Andrea Cristina Moraro, prof. Dr. Lourenço Ocuni Cá, em suma, a todos professores e professoras que, em algum momento, trocaram impressões com o grupo. A todos poetas e poetisas de Firkidja pela dedicação e compreensão que souberam prestar ao grupo, permitindo a convivência e a partilha das experiências nesse caminhar para a (ré)construção das vidas com base na solidariedade, companheirismo, irmandade e ajuda mútua acima de tudo. De braços dados reconstruiremos as nossas pátrias. Por outro lado, os nossos agradecimentos vão também a todos os funcionários da UNILAB, iniciando os servidores das empresas terceirizadas até aos servidores que compõem a estrutura macro da instituição que são tão acolhedoras.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Parente Moema. O desafio do escombro: nação, identidade, e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau: Rio de Janeiro. Garamond, 2007. CHAVES, Rita. Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2005. FERREIRA, Manuel. Dependencia e individualidade nas Literaturas Africanas de língua portuguesa. VII encontro Nacional de professores universitários brasileiros de Literatura Portuguesa - Belo Horizonte, 1978. LEITE, Eduardo Joaquim Costa da Bessa. A literatura guineense: contribuição para a identidade da nação. 2014. Dissertação (Doutorado em Letras, área de Línguas e Literaturas Modernas, especialidade de Literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014. LEITE, Mafalda Ana. Literaturas africanas e formulações pós-coloniais. Lisboa, Junho de 2003. RIBEIRO, Calafate Margarida; SEMEDO, Costa Odete (Org.) Literatura da Guiné Bissau: cantando os escritos da história. Porto: Afrontamento, 2011. SARAIVA, Sueli. Boaventura Cardoso, Mia Couto e a experiência do tempo no romance africano. São Paulo: Terceira Margem, 2012. SECCO, Tindó Lucia Carmen. Travessia e Rotas das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Das profecias libertárias às distopias contemporâneas. Légua Meia: Revista da Literatura e Diversidade Cultural, nº 1, 2002. COUTO, do Honório Hildo; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné – Bissau. Brasília: Revista Papia, 2010.